

EN
FOTOGRAFIA
MULHERES INDÍGENAS
QUILOMBOLAS: DE
EM TRAJETÓRIAS D

The bottom half of the page features five thick, horizontal, grey stripes of uniform width, stacked vertically. These stripes are positioned below the main text block and extend across the entire width of the page.

ENSAIO
FOTOGRAFICO
MULHERES INDÍGENAS E
QUILOBOMBOLAS: DESAFIOS
EM TRAJETÓRIAS DE LUTA

MARIAH TORRES ALEIXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL

MARJORIE BEGOT RUFFEIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL

JANE FELIPE BELTRÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL

LUIZA DE NAZARÉ MASTOP-LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL

Falar sobre mulheres indígenas e quilombolas implica em dar-se conta da conjuntura de exclusão à qual estão submetidas no cotidiano em que se inserem daí decorre a relevância de apresentá-las considerando a conjuntura, conforme diz Bourdieu (1986: 190):

“[t]entar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.”

Para entender e analisar os caminhos percorridos por mulheres indígenas e quilombolas é preciso perceber que existem diversas maneiras de conceber a trajetória do indivíduo. Chamando à cena Levi (2006) se pensa a *biografia* relacionada a *contextos*, no qual as singularidades da vida individual podem ser interpretadas historicamente tomando os fatos como justificáveis e passíveis de explicação sem fechar os olhos para as possíveis inconsistências e eventuais particularidades dos agentes sociais que podem ser interpretados. Traz-se a público, pessoas cuja trajetória de luta produz a inclusão de muitos. As veredas percorridas são tão diversas quanto a história social de cada uma e de todas elas, apresentando-as em fotos nos lugares de trabalho, estudo e religiosidade na tentativa de indicar o processo de comunicação das mulheres com os seus mundos.

O entendimento vai além das fotos, pois elas não podem ser descritas de forma

objetiva, visto que elas não são sujeitos passivos, são companheiras de “viagem” em busca de políticas afirmativas que permitam a inclusão de quilombolas e indígenas no ensino superior para que, quadros qualificados, possam lutar por cidadania multifacetada que transforme o Brasil em uma nação plural!

Entender que trajetória e identidade se imbricam: nas marcas de expressão no rosto de Dona Daicy Vieira da etnia *Tupinambá*; no sorriso franco de Rosani Fernandes da etnia *Kaingang*; na preocupação da mulher que largou a caixa com a mandioca “cascada” para se apresentar com as crianças; a lavadeira revelada pelas lentes da fotógrafa atenta; nos pés descalços adornados pela saia rendada; nas bailarinas em roda que homenageiam Seu João da Mata em Boa Vista do Itá; e na evocação profunda da mãe de santo, se oferece a possibilidade, ao leitor, de conhecer e reconhecer a diversidade na Amazônia.

Deve-se considerar que os termos “índigenas” e “quilombolas” foram cunhados pelos colonizadores para dar nome aos povos nativos e transplantados da/para América do Sul; a nomenclatura ignora a diversidade de culturas, línguas e modos de organização existente entre os povos tradicionais. Durante muito tempo, os povos indígenas tomaram o termo como pejorativo, mas, a partir dos anos 70, eles têm re-significado o termo por meio de articulação em defesa de direitos. Dessa maneira, “[d]e pejorativo passou a ser uma marca identitária capaz de unir povos historicamente distintos e rivais na luta por direitos e interesses comuns. É neste sentido que hoje todos os índios se tratam como parentes.” (Luciano, 2006:

31) O mesmo vem ocorrendo com os negros que vivem em áreas urbanas e rurais em terras ocupadas há mais de um século pelos seus antepassados que fugiam do jugo do senhor de escravos.

Admirem a beleza das mulheres guerreiras cujas armas são os gestos e as palavras, na busca do objetivo maior encarnado na luta pela restauração de direitos. Elas lutam pela Paz!

AGRADECIMENTOS

Trabalho produzido a partir do Edital MCT/CNPq/MS-SCTIE-DECIT 26/2006 – Es-

tudos de Determinantes Sociais da Saúde, Saúde da Pessoa com Deficiência, Saúde da População Negra, Saúde da População Masculina.

REFERÊNCIAS

Bourdieu, P. 2006. A ilusão biográfica, in *Usos e abusos da história oral*. Organizado por M. Ferreira e J. Amado, pp. 183-191. Rio de Janeiro: FGV.

Levi, G. 2006. Usos da biografia, in *Usos e abusos da história oral*. Organizado por M. Ferreira e J. Amado, pp. 167-182. Rio de Janeiro: FGV.

FOTOS

Marjorie Begot Ruffell









